OS AGRICULTORES DA ARPASUL: EXPERIÊNCIAS EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA

H. D. Casalinho¹; S.R. Martins²; J.G. Wizniewsky³.

Palavras-chave: transição agroecológica; sustentabilidade; sistemas de produção.

1 - INTRODUÇÃO

A transição de um sistema de produção agrícola convencional para outro de base ecológica se constitui na aplicação de um conjunto de procedimentos que visam a substituir práticas agrícolas convencionais por outras preferencialmente desenvolvidas pelo agricultor que possam contribuir para a manutenção de uma produção agrícola estável, duradoura e saudável. Esse processo de conversão precisa ser compreendido como a construção de um conhecimento fortemente alicerçado na ciência, mas valorizando o conhecimento localmente desenvolvido pelo agricultor.

Os objetivos do presente trabalho foram caracterizar as novas formas de produzir dos agricultores da Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul do Rio Grande do Sul (ARPASUL) e identificar os motivos pelos quais romperam com o modelo convencional de agricultura.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Dez agricultores representativos do quadro de associados da entidade foram selecionados como sujeitos da pesquisa, aos quais foram aplicados questionários, formulários e entrevistas semi-dirigidas individuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se alta similaridade entre os elementos constituintes do sistema de produção utilizado pelos agricultores, caracterizado pelo uso das seguintes práticas e/ou procedimentos: preservação da vegetação nativa e plantio de espécies florestais exóticas; policultivos; tração animal e/ou manual no preparo do solo e plantio; aração, gradagem e cultivo mínimo; calagem; plantio intercalado de duas ou mais culturas; pousio; rotação de culturas; adubação verde; compostagem preparada com esterco bovino e restos culturas; adubação com esterco bovino; adubação com biofertilizantes e vermicomposto; manejo de insetos, doenças e plantas espontâneas através de inimigos naturais, alelopatia, defensivos orgânicos, produtos e plantas repelentes, caldas sulfocálcica e bordalesa, soro de leite, extrato de fumo e capinas; terraços de base estreita e vegetados; irrigação por aspersão ou com canhão hidráulico; mão-de-obra familiar, com contratos temporários de

¹ Prof. Dr. Depto. Solos/UFPel (helvioldc@uol.com.br); ² Prof. Dr. PPGA/UFPel; ³ Prof. Dr. DCSA/UFPel

trabalho; aquisição de insumos de forma coletiva; comercialização direta; organização associativista; assistência técnica prestada pela Pastoral da Terra.

Os agricultores informaram, ainda, que após um intenso processo de descapitalização, iniciado ainda quando produziam no convencional e agravado pelas dificuldades dos dois primeiros anos como produtores agroecológicos, há sinais evidentes de um processo de recuperação econômica. Segurança alimentar e o bem estar da família são as prioridades básicas da atividade agrícola, embora tenha ficado claro a necessidade de produzirem excedentes que possam buscar um rendimento econômico que possibilite um melhor nível de vida da família. A escala de produção ainda pequena, as dificuldades geradas por uma nova forma de produzir, as adversidades climáticas, a falta de pesquisa com as tecnologias utilizadas e o mercado, são alguns problemas que continuam inibindo o processo de expansão da produção.

Quanto aos motivos que os levaram a abandonar a agricultura convencional, foi possível identificar que as questões vinculadas a saúde (dele próprio, da família e do consumidor), foram as mais relevantes no processo de tomada de decisão. Num segundo plano, mas também fortemente evidenciado, foi a possibilidade de uma relação direta com os consumidores. As manifestações mostraram também uma preocupação muito clara com o processo de socialização, tanto do conhecimento, quanto das experiências por eles desenvolvidas, com o desenvolvimento de uma confiança recíproca e de cultivar amizade com o consumidor e com a valorização do trabalho. A possibilidade de trabalharem em grupos e de forma associativa foram igualmente motivações ressaltadas pelos agricultores.

O convívio social estabelecido a partir do transporte solidário, da feira e de outros momentos do cotidiano de suas vidas, desenvolveu aspectos importantes de afetividade e cidadania entre os agricultores. Questões relacionadas ao ambiente, a natureza e ao solo, estão muito presentes em suas manifestações, percebendo-se uma conscientização e uma preocupação generalizada sobre a necessidade de preservar os recursos naturais para as futuras gerações.

Aspectos pertinentes à exclusão do atravessador, possibilidade de formação de preços, retorno financeiro e a perspectiva de novos mercados foram igualmente demarcadas pelos agricultores. Isso demonstrou, que além de aspectos sociais, ambientais e culturais, aqueles de origem econômica também pesaram significativamente quando da tomada de decisão.

A venda direta de seus produtos, o uso de insumos preparados no próprio estabelecimento e o uso de práticas desenvolvidas através um saber localmente desenvolvido, fazem com que diminuam os custos de produção e aumente a margem de lucro dos agricultores, com reflexos diretos e imediatos na renda familiar. Também a possibilidade de estabelecer o preço de venda ao consumidor e uma melhor racionalização no uso da mão-de-obra, foram motivações e ações concretas que os agricultores ponderaram ao tomarem a decisão por trabalharem com um novo paradigma de agricultura.

Por mais idealista que possa ser, o agricultor tem consciência que a melhoria da qualidade de vida de sua família está diretamente vinculada ao êxito econômico de sua atividade. A referência às questões econômicas como motivadoras da transgressão ao modelo dominante não pode ser vista como uma anomalia e sim como um instrumento legítimo de busca de uma melhor qualidade de vida. Ao ressaltarem entre suas motivações a esperança de uma vida melhor, a preocupação com a sua saúde da família do consumidor, com a socialização do conhecimento, com os problemas decorrentes do uso de agrotóxicos, com a comercialização de produtos saudáveis, com o crescimento de sua associação, com as incertezas e ansiedades pelo surgimento de novas tecnologias, com a importância e a valorização do seu trabalho na agricultura e do exercício de sua condição de agricultor-cidadão, acreditam que é possível construir e viver num mundo melhor.

Suas expectativas e preocupações com a dimensão ecológica foram identificadas pela íntima relação de seu trabalho com a natureza, pela preocupação dos malefícios e pela contaminação do homem e do ambiente causados pelo uso de agrotóxicos, pela utilização indiscriminada de organismos geneticamente modificados, pela necessidade de proteção e de melhoramento da saúde do solo, pelo ressurgimento da fauna, outrora tão ricamente presente em suas propriedades e pela necessidade de resgatar e de respeitar a biodiversidade.

A história, o cotidiano de vida e o relato que cada um dos entrevistados apresentou, certamente não estavam fundamentados única e exclusivamente na racionalidade. Ao contrário, traziam consigo suas sensações de medo, raiva, afeto, tristeza e alegria (emoções) e os sentimentos que dessas decorrem e que foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho que ora desenvolvem e para a construção de um novo conhecimento. O que se verificou foi a existência de um processo de conscientização da necessidade de que essa transição, necessariamente, deva ser conduzida de modo que

seja possível caminhar, firmemente, em direção a um modelo de agricultura, cuja concepção valoriza, antes de tudo, o saber popular e a ecologia.

É assim, portanto, inexoravelmente, que está sendo construída uma atividade agrícola socialmente adequada, ecologicamente correta e economicamente viável. E esse novo paradigma converge para duas visões de mundo que contrastam com os padrões que até aqui têm dominado nossa cultura: a holística, em que a visão do todo é fundamentalmente mais importante do que a visão reducionista; e a ecológica, que contempla além da compreensão da totalidade das coisas, o conhecimento de como e de onde se originam as partes desse todo. A visão que o agricultor tem de um ecossistema agrícola converge, exatamente, para essa totalidade.

5. CONCLUSÕES

a) Os motivos da mudança de paradigma de produção dos agricultores são de ordem econômica, através dos arranjos locais de produção, englobando comercialização direta, valorização de tecnologias localmente desenvolvidas e da mão-de-obra familiar; de ordem social, pela valorização da vida, ênfase na saúde familiar e do consumidor, pelo fortalecimento do tecido social através do trabalho coletivo e pela socialização do conhecimento; e de ordem ambiental, mediante a compreensão da necessidade de equilíbrio entre homem-natureza, a identificação da agricultura como uma intervenção no ecossistema e pelo reconhecimento do solo como um componente vivo do agroecossistema;

b) O sistema de produção utilizado pelos agricultores apresenta as seguintes características gerais: uso de policultivos; uso de práticas agrícolas fundamentadas no conhecimento local; uso de insumos produzidos no próprio estabelecimento; emprego de mão-de-obra familiar; comercialização direta da produção; organização associativista.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999. 224 p.
- CAPORAL, F.R., COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 3, n 3, p. 70-85, jul./set. 2002.
- CASALINHO, H.D. Qualidade do solo como indicador de sustentabilidade de agroecossistemas. Pelotas, 2003. **Tese**. Universidade Federal de Pelotas, 187p.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. 653p.